

Inseguro, povo vai às compras.

CONSUMIDORES DEIXAM AS APLICAÇÕES FINANCEIRAS PARA ADQUIRIR BENS DE CONSUMO

LILIANA PINHEIRO

Gilmar Aparecido Alves Pereira, pequeno empresário de 40 anos, foi à Feira de Utilidades Domésticas (UD) em busca de uma piscina de bom tamanho, em fibra de vidro, orçada pelo vendedor em Cr\$ 96 milhões, sem contar despesas com materiais de construção. Casado, dois filhos, em idade de acumular patrimônio, ele resolveu trocar aplicações financeiras pelo conforto. "Poupança é um péssimo negócio, coisa para gente mais idosa, que precisa viver de retiradas mensais", diz Gilmar. Ele é um exemplo dos brasileiros que, de uma hora para outra, deixaram-se contagiar pela febre de consumo que se espalha pelo País.

A prática de gastar mais e guardar menos parece ter contagiado este ano, entretanto, todas as faixas sociais e etárias. Lourdes Nicoletti, lojista de 53 anos, reage rápido à idéia: "Poupança, não!" Ela conta que o negócio da família não anda rendendo muito, mas o que entrar de dinheiro usará para fazer reparos em casa, trocar coisas velhas por novas.

Lourdes e seu marido, Antônio Nicoletti, há oito anos não conseguem comprar um bem expressivo, apesar de manter duas lojas de calçados e ter poucas despesas familiares — a última boa compra foi a do apartamento onde moram. Passaram pelo confisco do Plano Collor, perderam a confiança no governo e concluíram que

Poupança é um péssimo negócio, coisa para gente mais idosa, que precisa viver de retiradas mensais.

(Gilmar Aparecido Alves Pereira, pequeno empresário.)

os preços sobem mais que as aplicações, que jamais conseguirão adquirir outro imóvel e que, ao final, o previdente nem consegue aumentar seu patrimônio. "Quem guarda não tem", invertem o ditado popular.

Gastar tudo

Gastar todo o dinheiro que entra em casa é um tipo de cultura que ganha adeptos a cada dia. Talvez até explique a corrida para o consumo dos últimos meses, quando é sabido que os salários só perdem para a inflação. "Com o custo de vida sempre crescente, a correção em aplicações fica atrasada porque se refere à inflação passada", explica Basílio Campigotto, 40 anos, comerciante, que veio esta semana de Camboriú para fazer compras em São Paulo.

Ele e a esposa, Leonora, de 36, tinham uma "sobrinha" este mês e nem cogitaram a possibilidade de

guardar para o futuro. Melhor realizar sonhos hoje, concluíram, e mergulhar no prazeroso mundo do consumo. Compraram três ventiladores com controle remoto, um fogão e uma coifa.

O empresário Gilmar, que comprará a piscina, arriscou outro palpite para definir as pessoas que ainda acreditam na poupança miúda, mês a mês, para melhorar de vida um dia. "Acho que pessoas com pouca instrução ainda procuram caderneta de poupança". Mas, de novo, ele parece ter errado. Flávio Felix dos Santos, 19 anos, primeiro grau incompleto, vive de bicos como garçom e espera receber sexta-feira Cr\$ 700 mil por um trabalho. No mesmo dia comprará um tênis, mesmo sem saber se terá dinheiro para o ônibus na semana seguinte. "Se eu não gastar logo, vou trabalhar e nunca ter nada." Ficar sem dinheiro e sem sapato é o medo do rapaz. E levar um novo golpe do governo é o temor do representante de vendas Clodoaldo Alvarinho, de 36 anos.

Quando houve o confisco da poupança, diz Clodoaldo, ele tinha o suficiente para comprar um Voyage 84. Quando o governo devolveu o dinheiro, a quantia dava para adquirir apenas um Fusca 80. Ganhando Cr\$ 9 milhões, ele diz que não pode mesmo guardar, mas, se pudesse, não pouparia, e sim investiria em carros. "Carro é dinheiro, poupança não."